

V Concurso Literário do MPDFT
Poeta Mario Quintana



MINISTÉRIO PÚBLICO
DO DISTRITO FEDERAL E TERRITÓRIOS

APOIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO PÚBLICO
DO DISTRITO FEDERAL E TERRITÓRIOS

V Concurso Literário do MPDFT

Poeta Mario Quintana

Tema: “Direitos Humanos”

SUMÁRIO

Apresentação	06
Comissão Julgadora	07
Vencedores	11
<i>Poemas</i>	12
Pseudo-cidadania	13
Comodismo	14
Espectro	16
<i>Crônicas</i>	17
Burrificação do Cidadão Ocidental	18
Sob o Manto da Invisibilidade	22
Humanidade	24
<i>Contos</i>	25
“Humanidades” em Processo: Riscos	26
para um Julgamento Justo	
A Bola e a Criança	31
Um Amor Acima de Qualquer Preconceito	35

APRESENTAÇÃO

“O Poeta Humaniza a Justiça”

Túlio Vargas

Chegou-se ao final do V Concurso Literário Poeta Mário Quintana, ação que faz parte do Programa de Promoção da Saúde e Qualidade de Vida. Artistas do MPDFT deram seu testemunho em verso e prosa sobre o tema Direitos Humanos: entre a solidariedade e a indiferença. Mostraram sob a lente única de cada indivíduo a dor, a beleza, o descaso, a hipocrisia, a busca pela justiça de uma sociedade que convive com a opressão, a corrupção, a fome, a miséria, o preconceito, o racismo. Gritaram com palavras NÃO à falta de justiça, liberdade, paz e respeito. E por meio da arte, Ministério Público, servidores, membros e estagiários se uniram na busca de um bem maior: a justiça. Porque a justiça não se faz apenas com leis, mas com respeito, com atitudes, com palavras. Justiça se faz com arte e por meio da arte. Porque arte é dom, é doação, encanto, ternura. O poeta encanta e desmascara. Escancara. Denuncia. Condena. Absolve. E o Ministério Público, como não poderia deixar de ser, se pronunciou, novamente por meio da arte, em prol da sua luta infindável: a busca incessante pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos.



COMISSÃO JULGADORA

Alexandre Pilati

José Geraldo Campos

José Santiago Naud

Maria Isabel Edom Pires

Robson Coelho Tinoco

Wilson Pereira



Alexandre Pilati

Alexandre Pilati formou-se em Letras Português pela Universidade de Brasília (UnB) em 1999. Em 2002, concluiu o mestrado em Literatura Brasileira na mesma Universidade. Também pela UnB, finalizou, em 2007, seus estudos de doutorado em Literatura Brasileira, com tese sobre Carlos Drummond de Andrade. Desde o ano 2000, integra o Grupo de Pesquisa Literatura e Modernidade Periférica Brasileira da UnB. Desde de setembro de 2008 é professor de Literatura Brasileira da UnB. Como crítico, começou a colaborar com o caderno Pensar do Jornal Correio Brasiliense em 2006. Em 2007, lançou a coluna “Boa Leitura” na Rádio BandNews FM de Brasília, tratando de livros, cultura, ideias e literatura. Em 2010, a coluna ganhou novo formato, tornando-se um “Bate-papo literário”.

José Geraldo Campos

José Geraldo Campos é licenciado em Português, Inglês e Literatura pela Universidade da Guanabara (hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Jornalista, contista e tradutor, foi o primeiro vencedor do Concurso de Contos Machado de Assis promovido em 2003 pelo SESC/DF. Em 2004, passou a ser membro da comissão julgadora dos contos apresentados para o referido concurso. Atualmente, é professor de Língua Portuguesa e de Redação Jornalística da Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas.

José Santiago Naud

José Santiago Naud formado em Letras Clássicas, em Porto Alegre, foi diretor do Instituto do Livro; professor pioneiro do nível médio, quando se inaugurou a Nova Capital (1960), e fundador da Universidade de Brasília (UNB), em 1962. Lecionou literatura luso-brasileira em Yale e na UCLA; pronunciou conferências sobre cultura em outras universidades norte-



americanas e europeias. Bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, e da Comissão Fulbright, nos EUA, junto ao IWP “International Writing Program” da Universidade de Iowa. Prêmio de Poesia (1958), Festival Internacional da Revista “Quixote”, Porto Alegre. Prêmio Nacional de Poesia (1965), no Encontro Nacional de Escritores, promovido pela Fundação Cultural do Distrito Federal. De 1973 a 1985, contratado pelo Itamarati (MRE), foi Diretor do Centro de Estudos Brasileiros, sucessivamente em La Paz (Bolívia), Rosário (Rep. Argentina), Panamá e México. Publicou vinte e um livros, inclusive antologias pessoais.

Maria Isabel Edom Pires

Possui Licenciatura Plena em Letras pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (1985), Bacharelado em Direito pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (1984), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997). Atualmente é professora adjunta da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Desempenha a função de Coordenadora de Extensão do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB). É autora de livros e de diversos artigos publicados em periódicos.

Robson Coelho Tinoco

Possui graduação em Letras (Português/Inglês) pelas Faculdades Salesianas de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena (1986), Mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994), Doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (2001) e Pós-doutoramento em Língua Portuguesa - práticas de leitura literária - iniciado no 1o. semestre de 2010 (PUC-SP). É Professor Associado I da Universidade de Brasília, onde atua desde 1996. No Instituto de Letras da UnB, inicialmente, atuou no Departamento de Linguística e foi Chefe do Depar-



tamento de Teoria Literária e Literaturas, nos períodos de 1998 a 2000 e 2004 a 2008. Possui experiência nas áreas de Literatura Brasileira (poesia moderna e leituras dialógicas aplicadas ao ensino), literatura e outras áreas (música e poesia; literatura e educação), Língua Portuguesa (leitura, produção e revisão normativa de textos) e Metodologia científica (técnicas e processos). Oferece cursos sobre linguagens contemporâneas / práticas de leitura para professores de ensino médio e superior.

Wilson Pereira

Wilson Pereira é professor universitário e assessor legislativo aposentado da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Formado em Letras e Mestre em Literatura Brasileira, pela Universidade de Brasília. É Coordenador-Geral do Centro de Informações e Biblioteca em Educação – CIBEC, do INEP/MEC. Premiado em diversos concursos literários de âmbito nacional. Tem poemas traduzidos na Argentina, Itália, Colômbia e Romênia. Publica, esporadicamente, poemas, resenhas e ensaios em diversos jornais e revistas do País e tem poemas estudados em 16 (dezesesseis) livros didáticos.



VENCEDORES

Categoria Poesia

1º Lugar: *Janiwson Souza Soares*

Título da obra: Pseudo-Cidadania

2º Lugar: *Rayza de Souza Rodrigues*

Título da obra: Comodismo

3º lugar: *Rose Meire Cyrillo*

Título da obra: Espectro

Categoria Crônica

1º Lugar: *Janiwson Souza Soares*

Título da obra: Burrificação do Cidadão Ocidental

2º Lugar: *Rose Meire Cyrillo*

Título da obra: Sob o Manto da Invisibilidade

3º Lugar: *Marcelo Sherman Amorim*

Título da obra: Humanidade

Categoria Conto

1º lugar: *Dario Jardim Cruvinel*

Título da obra: “Humanidades” em Processo:

Riscos para um Julgamento Justo

2º lugar: *Edval Alves de Carvalho*

Título da obra: A Bola e a Criança

3º lugar: *Francisco Alessandro Silva Santos*

Título da obra: Um Amor Acima de Qualquer Preconceito...



Poemas

Pseudo-Cidadania

Comodismo

Espectro



Pseudo-cidadania

Em meio ao carvão
Busca o diamante
No ruído, o som
No fécio, o fragrante

Agente passivo da pseudo-cidadania
Crime e castigo ativo hipocrisia
Literatura? Ingenuidade!
A náusea perdura, imudável verdade.

E a vida se esvai
Conforme o costume
Do lixo se extrai
Nada mais que chorume.

Janiwson Souza Soares
Pseudônimo: *Simmondsia Chinensis*
1º Colocado na categoria POESIA



Comodismo

Se algo me incomoda,
Brada retumbante,
Grito forte, grito foda,
Aquele grito atiçante.

Mas só o que me incomoda,
É o que não me incomoda,
Será que gira essa roda?
A escória te incomoda?

Está lá, rato imundo,
Cabisbaixo, psicodélico,
Viciado esquelético,
Superficial, profundo,
Incomoda-te?

Mimosa criança alucinogenia,
A criança está nos olhos de quem vê,
O mundo não roubou a infância de você.

Até onde existe o incômodo,
Até onde a rotina vem,
Aonde ela foi parar? E como?
Como é? Ninguém.

Mesmo que te toque, que te alcance,
Tristeza profunda,
Até onde a pequena moribunda
Terá alguma chance?



E só te incomoda,
Gira e volta a mesma roda,
E você não faz nada.

Quica até blasfemar sobre a desgraçada,
Por que se joga por onde a gente passa,
Pior que o incômodo e a consciência escassa.

Eu também me absolvo,
Não me movo,
A hipocrisia podia me trocar,
Mas minha idade não me deixa respirar.

Será que me incomoda?
Ou será que é moda?
Se me incomoda eu grito com a caneta,
Aonde quer que se meta!

Roda a roda!
Não é folk, não é fake, não é foda,
enquanto falo te toca!
Mas depois, cadê o incômodo?
Incomoda? Como?
Já virou moda!
A escória te incomoda?

Rayza de Souza Rodrigues
2º Colocado na categoria POESIA



Indiferença mata mais do que doença
Tanto faz a crença, a raça, a cor.....
fogo-fátuo de dominação extensa,
a cura é ver o outro pela lente do amor.

O diferente não aparta nem exclui
pode ser distinto, quicá discriminado,
diversos "eus" que de um só flui,
à revelia do espectro iluminado.

Esse olhar de medo e de desdém.....
eu sei bem o que te atormenta
é olhar pra mim e ver também
o mesmo sopro que te alimenta.

Ser humano é viver para além
da casca, da máscara e da aparência,
sentindo a dor dos "Pedro Sem",
sendo muitos numa só existência.

Rose Meire Cyrillo

Pseudônimo: Dominó Negro

3º Colocado na categoria POESIA



Crônicas

Burrificação do Cidadão Ocidental

Sob o Manto da Invisibilidade

Humanidade



Burrificação do Cidadão Ocidental

O título desta crônica encerra dois conceitos que necessitam ser esclarecidos. Em primeiro lugar, a noção de “burrice” como “falta de inteligência”, associada a um animal, jumento ou muar, ambos designados na linguagem popular pelo mesmo vocábulo, “burro”, é uma inexatidão zoológica e uma injustiça. Os “burros” são na realidade animais sagazes, bem mais espertos do que os seus primos ricos, os cavalos.

Haja vista o caso, relatado na Bíblia, do burro de Balaão, que estacou na estrada porque via à sua frente, barrando a passagem, o anjo do Senhor; enquanto que o seu dono, apesar de sua clarividência profissional de profeta, não conseguia enxergar o anjo.

Balaão espancava o burro para fazê-lo avançar, até que o pobre bicho queixou-se com voz humana: “Por que me bates?”, perguntou. “Não está vendo, cretino, que ali no meio da estrada está um anjo com uma bruta espada na mão?” Creio que são esses os próprios termos do Antigo Testamento.

Note-se que, em toda a História Sagrada, o burro foi o único animal ao qual Deus concedeu milagrosamente o dom da palavra. Hoje em dia esse milagre acha-se bastante banalizado, como poderá constatar qualquer pessoa que se esqueça de desligar a televisão em horário de propaganda eleitoral.

Fique claro, portanto, que ao referir-nos à “burrice”, estamos apenas usando uma expressão corrente, relacionada com a estupidez dos homens, e não dos solípedes.

Em segundo lugar, o “Ocidente” é uma expressão geográfica de valor muito relativo: para ir de Los Angeles, cidade “ocidental” para Tóquio, cidade “oriental”, viaja-se em direção ao Ocidente, e não ao Oriente. O “Ocidente” não é, pois, uma expressão geográfica absoluta.

A palavra “Ocidente” tem um significado em outra acepção: a de um conjunto de valores históricos e culturais, derivados basicamente da civilização greco-romana e da influência moral do cristianismo.

A cultura humanística fixou-se no Continente Europeu, sua área geográfica coincidindo com a área de influência da religião cristã. Mais tarde,

humanismo e cristianismo transpuseram juntos o Atlântico, para ocupar, embora com profundidade variável, a totalidade do Continente Americano.

A cultura das sociedades ocidentais baseava-se, e continuou a basear-se até os nossos dias, no que se convencionou chamar “as humanidades”, no conhecimento da literatura grega e latina, bem como dos modernos autores clássicos; tudo isso enquadrado em uma moldura de princípios éticos considerados apropriados à formação de seres civilizados e de homens de bem. Essa cultura valorizava a reta razão, a polidez no convívio social, o bom gosto e as boas maneiras.

Hoje, um grave mal ataca as raízes dessa cultura, tanto no Brasil como nos outros países do Ocidente, pelo declínio dos padrões do ensino. A inteligência, como os músculos, desenvolve-se pelo exercício ou atrofia-se pela falta dele. Não solicitada, mal alimentada em aportes culturais, ela definha. O Ocidente emburrece.

Nos Estados Unidos, o *Califórnia School Board* recomendou a abolição do *homework*, dos deveres de casa, alegando que esses deveres eram discriminatórios, já que alguns alunos tinham acesso, em casa de seus pais, a livros ou mesmo computadores, nos quais encontram matéria para fazer deveres melhores do que os de colegas de famílias mais pobres. Por um raciocínio igualmente asinino, foram suprimidos no sistema escolar Francês os prêmios de fim de ano e até a atribuição de notas nas provas mensais ou de fim de ano, sob o pretexto de que essa prática era “humilhante” para os alunos que obtivessem notas menos boas. Com isso, desapareceu o estímulo que nos fazia, no meu tempo de colegial, suar sangue e água, queimar as pestanas para saber mais, disputar os melhores lugares na colocação final. Sem essa sadia emulação, estabelece-se o nivelamento pela mediocridade – parte do processo de burrificação.

Na ausência de exigentes “deveres de casa”, os jovens de idade escolar passam as horas de lazer burrificando-se na internet e, muitas vezes, diante dos aparelhos de televisão. Ora, se a televisão abre aos seus espectadores as fronteiras do espaço, ela não lhes franqueia a dimensão do tempo, com os ensinamentos da História. Ela mostra a rebelião da Grécia ou a guerra civil



na Tailândia, mas não explica o porquê daquela rebelião ou dessa guerra, as suas longínquas razões históricas. A cultura eletrônica está eliminando a cultura livresca. Perde-se o hábito de ler. A filha de uma colega de trabalho dizia à mãe, em minha presença, que sua mestra havia-lhe recomendado a leitura de certo livro; a mãe perguntou à filha se já o havia lido. “Eu não!”, redarguiu a menina, indignada; “isso de ler livro é um saco” – elegante expressão de uso corrente entre adolescentes de boas famílias.

Uma vertente pela qual rola encosta abaixo a qualidade do ensino público no Brasil é a miserável remuneração dos professores da rede pública, arrastando o declínio do nível desses mestres; e, para colocar o pináculo sobre uma montanha de estupidez, nosso Governo já tentou até o tabelamento das taxas escolares, no momento em que a palavra de ordem era é desindexação da economia, onde deixavam livres as forças de mercado. Ora, o saber é uma mercadoria como qualquer outra; no mundo empresarial, vende-se e compra-se *know-how*. Na Suíça, na França e na Grã-Bretanha existem escolas particulares caríssimas, ao lado de uma rede pública gratuita. Aos pais que querem colocar os filhos em escolas prestigiosas, é o caso de avaliar se o preço lhes convém. É esse o princípio basilar do Direto Comercial Romano, o do *ut des* – traduzido, com grande felicidade por um conhecido político brasileiro, pela fórmula “é dando que se recebe”; fórmula adotada por muitos de seus colegas e pela totalidade de um importante setor profissional feminino de prestadoras de serviços, inclusive também por amadoras atuando no mesmo campo.

A ordem de conhecimentos que mais prontamente naufraga é a das humanidades, essa essência da formação do homem civilizado. Ainda há pouco tempo ouvi uma personalidade de considerável projeção política no Distrito Federal dizer que “o presidente havia cortado o “nó górdio” em determinada questão. Fiz-me de ingênuo e pedi-lhe que me explicasse o que era esse “nó górdio”; o que é que ele atava, e por que era chamado “górdio”. Constrangimento geral: o importante personagem não sabia. Nem ele, nem qualquer dos demais presentes havia jamais ouvido falar da cidade de Gordium, na Frígia, nem da oferenda votiva deixada em um templo daquela cidade,



de um carro de bois cuja canga era atada com um nó tão prodigiosamente complicado que ninguém conseguia desatá-lo, muito embora um oráculo promettesse o domínio da Ásia a quem conseguisse tal façanha; nem do brutal recurso empregado por Alexandre, o Grande, ao visitar o templo: incapaz, ele tampouco, de desatar o nó mágico, cortou-o com a espada.

Receio que, entre os principais personagens do cenário nacional, haja muitos na mesma condição de ignorância humanística que aquele figurão: é o que eu chamo de processo de burrificação do cidadão ocidental.

Janiwson Souza Soares

Pseudônimo: Espada de Dâmocles

1º Lugar na categoria CRÔNICA



Sob o Manto da Invisibilidade

Quando eu era criança sonhava em ser um super-herói, daquele que tinha o poder de ficar invisível, pois só assim eu conseguiria escapar dos castigos e ir brincar de bola na rua.

Daria conta, ainda, de roubar um pedaço de bolo de fubá, quentinho, que minha mãe sempre fazia e comê-lo sem ter que lavar as mãos antes.

Nossa, eu daria tudo pra ficar invisível na aula de História só pra não ter que responder às perguntas da professora Maria Helena; onde quer que eu sentasse na sala de aulas, ela sempre me encontrava, pois, além de professora, ela era um pouco bruxa, com verruga no nariz e tudo.

O tempo foi passando e eu desisti de ser a mulher maravilha, a feiticeira, ou coisa que o valha. Resolvi “cair na real” e encarar a vida com todas as suas nuances.

Para o meu espanto, foi nesta mesma época que descobri o quanto eu já era invisível e não sabia.

Será que, de tanto pedir, Deus atendeu as minhas preces?

Bem que dizem que a gente tem que ter cuidado com o que pede para o Senhor, pois cedo ou tarde nossas orações são ouvidas.

Parece até minha mãe falando:

- As palavras tem poder minha filha!!!!

Qual nada, o fato de morar na periferia, ser pobre e estar muito longe dos padrões de beleza feminina de todas as épocas é que fez de mim um ser invisível; um não sei quem no meio da multidão, sem rosto, sem nome, sem voz e sem querer. Mais um sem identidade e sem valor.

Essa visão dantesca de mim mesma fez despertar a besta-fera latente em meu ser. Virei bicho, um animal voraz, a lutar por território e alimento.

Guerreira intrépida e audaz, ávida por existir, sempre a resistir!

Não foram poucas as batalhas sangrentas que tive de travar, na vida, nos exílios consentidos e nos moinhos de vento.

Entre muitos mortos, eu sobrevivi. Muitas feridas e cicatrizes recobrem meu corpo e meu coração e, é na vida e no meu trabalho que encontro



o unguento para curar essa minha dor...

A dor que sinto em ver outros tantos seres invisíveis emaranhados nas rodas da miséria e do desamor;

A dor de não poder mudar o destino desta massa humana, pisada, encurralada e disforme;

A dor pela indiferença do rico, pela falta de solidariedade do poderoso, pela ausência de humanidade em muitos de nós; e

A dor pela “não vida” dos espectros de gente: velhos, pobres, encarcerados, deficientes, doentes, indigentes; todos seres invisíveis e marginais, ou seja, pessoas que vivem à margem da sociedade, fora do mundo “que interessa”, sem visibilidade no *jet set* ou nas colunas sociais de Caras, Quem e outros almanaques do estilo.

A *high society* faz questão de não enxergá-los, pois o que não se vê, não se sente, logo, também não existe. Simples assim.

Quanto mais rico, maior é a lente aumentando a cegueira. É só olhar para as madames e ver o tamanho dos óculos escuros que elas usam, faça chuva ou faça sol, os “tapa-vistas” estão lá, importados, luxuosos e facilmente perceptíveis....dá pra ver da lua, já me disse São Jorge.

A propósito, isso me lembra uma estória....

Um carrão para no sinaleiro.

O menino vendendo balas e doando misérias se aproxima e pergunta:

- Ei tia, por que você usa estes óculos tão grandes??? é para melhor me enxergar????

- Não, responde impávida a motorista, do alto de sua Tucson Sportage, zero “bala”....

- É para melhor te ignorar!!!

Rose Meire Cyrillo

Pseudônimo: Dominó Negro

2º lugar na categoria CRÔNICA



O tema “da indiferença à solidariedade” rima com humanidade. Mais do que isso, combina!

Humanidade é daqueles termos que não se define com palavras de ato ou efeito, mas com sensação – sem medo de ser piegas – com o coração. Ser humano, para além de ser da espécie, é se reconhecer no outro, é descobrir que o que nos acende é o olhar e o ser visto. Cumplicidade; coisa de dois pra mais.

Por isso, solidariedade não decorre de dádiva, não é arte nem exclusividade dos grandiosos.

Solidariedade nasce pura e simples da descoberta de que a indiferença ao outro é um negar a si; é um fechar os olhos ao óbvio: tudo que nos define e identifica é comunitário, e ser comunidade sem comunhão não aquece a alma, não te faz vivo e acaba por um não ser.

Ou você acha mesmo que teria alguma graça ser o único torcedor do seu time de coração? Imagine você sozinho no Maracanã!

Ou se arrumar inteira, cortar o cabelo e ninguém perceber?

E pra me fazer claro: não ter amigos. Ou pior: amar, e não ser amado.

Mas que é impossível ser feliz sozinho, todo mundo canta e entende.

O toque de magia a ser desvendado é que não apenas amigos, família e amores nos tornas humanos. A potencialidade do contato vai além dos laços prontos e tem sempre sede do porvir.

Qualquer gesto receptivo, desprendido e generoso – seja a quem for – é fonte de algo virtuoso e rico que não sei bem dizer, mas que você sabe e, se não, se permita saber. Vale a pena!

Marcelo Sherman Amorim

Pseudônimo: Crouton

3º lugar na categoria CRÔNICA



Contos

“Humanidades” em Processo:
Riscos para um Julgamento Justo

A Bola e a Criança

Um Amor Acima de Qualquer
Preconceito...



"Humanidades" em Processo: Riscos para um Julgamento Justo

Mais um dia de trabalho. Heitor chega cabisbaixo, mas com pequeno sorriso no rosto. No olhar, uma leve ponta de tristeza. Entra em sua sala, senta-se, olha a estante em frente e sob a mesa. Avalanche de processos...

– Será que um dia isso muda? - resmunga.

E quando já não era de se ver, chega mais outro processo, para ciência do julgado. Heitor lê a sentença com todo o cuidado. Fica calado! Passa todo o resto da tarde "deslendo" os demais processos...

Ao final da noite chega em casa, liga o computador, acessa o messenger e vê a namorada conectada. Dá-se início a um diálogo:

Heitor diz:

e aí? Boa noite.

Bárbara diz:

boa noite. Td bem?

Heitor diz:

tudo bem! Na verdade, mais ou menos, tô meio puto da vida... Irritado com o juiz substituto lá de onde trabalho. Lendo uma sentença dele hoje percebi que ele ameaçou instaurar investigação policial para apurar crime nos sublinhados que fiz nos autos. Reclamou que o processo parecia uma apostila de concurso. Por causa de sublinhados a lápis, acredita?

Bárbara diz:

mas o q ele fez?

Heitor diz:

por enquanto nada, só ameaçou mesmo. Mas eu até queria que ele fizesse isso pra ele ver e sentir o ridículo de depois. Principalmente pq achei um outro processo em que ele escreveu num laudo à caneta, uma canetinha azul tinteiro que é a cara dele (o que, convenhamos, é pior que sublinhar a lápis!!). E ainda falou que era uma selvageria o que eu fiz. Ora, sublinhar = selvageria? Será tão difícil perceber que só sublinhei por estar atento à prova, porque li o processo de cabo a rabo, e não de sacanagem? No caso, era um crime grave



de latrocínio. Um sujeito matou o outro pra roubar. E em nenhum momento, quanto ao crime, ele disse que se tratava de uma selvageria. Já os meus sublinhados, altamente selvagens...

Bárbara diz:

meu Deus!!! Pede uma cópia dos processos então pra vc poder sublinhar sem se consumir com isso.

Heitor diz:

huum... Não precisa, não vou riscar mais nada! Mas haja xilique processual, haja J-U-I-Z-I-T-E (esse troço tem acento?). Olha só, ainda tem mais... Neste mesmo caso juntaram depois uma prova que comprometia a situação do réu. O correto era esse sujeito ter dado ciência às partes do documento antes de sentenciar, em especial à defesa, sob pena de nulidade. Isso é coisa elementar! E o que ele fez? Lascou condenação e pronto! Agora, dependendo do advogado, poderá haver recurso alegando a nulidade da sentença por ofensa ao direito de defesa, ou seja, em contraditar o teor daquele depoimento prejudicial ao seu cliente. Mas o juiz não se atentou para este fato, pois estava preocupado demais com os meus sublinhados a lápis. E se o réu se safar por conta disso, não tem problema!

Bárbara diz:

como não?

Heitor diz:

ora, o ato de selvageria não foi dele (réu). Ele só matou uma pessoa pra roubar!! A selvageria foi minha. Afinal, eu sublinhei alguns trechos de depoimentos nos autos, o que é, logicamente, algo muito, muuuuuito mais grave. Não tem problema pq ele tava mais atento aos riscos do lápis que com a questão da prova posteriormente juntada no processo. Na verdade, a situação do réu e do crime passou quase que indiferente. Achei que ele ia até esquecer de condenar...

Bárbara diz:

juro q infelizmente eu tô rindo dessa situação.

Heitor diz:

agora, se o Tribunal cassa a condenação, o réu vai pra rua e fica por isso mesmo. Aliás, se esse réu for mesmo pra rua por conta dessa nulidade, eu



sou capaz de pedir a ele: “vaaaai, MERITÍSSIMO, instaura mesmo esse inquérito policial e me puna, pois um caso grave desse não pode ficar assim! Alguém tem que ser punido pela morte da vítima. Se não for o réu pelo crime, nem VOSSA EXCELENCIA pela nulidade a que deu causa, que seja eu, então, pelos meus ‘rabiscos’...”. É ridículo!

Bárbara diz:

seria extremamente cômico se não fosse triste pela importância q vcs têm.

Heitor diz:

R-I-D-Í-C-U-L-O! É de rir pra não chorar! Dá vontade de mandar uma carta pra ele dizendo tudo isso. Acho que a raiva que sinto da situação é por causa do silêncio que me cobro, como se eu não pudesse ser tão humano quanto esse cara e tivesse q ficar indiferente à situação.

Bárbara diz:

será q ele terá a capacidade de interpretar isso da maneira correta?

Heitor diz:

não sei! Mas ele não se preocupou comigo, de interpretar a atitude dele desse ou outro modo. Haja compreensão de minha parte... hehehehehehe. A hipocrisia dele por ter feito em outro processo algo “pior” do que eu fiz, e à caneta. Aliás, me explica o porquê da necessidade desse PALADINO DA JUSTIÇA em usar caneta azul tinteiro chique em processo judicial? E será que ele vai também mandar instaurar alguma investigação contra si? É daquele tipo: “faça o que eu digo mas não o que faço!” São as “humanidades” que vivo te falando na orelha, no seu sentido pejorativo.

Bárbara diz:

compreendo...

Heitor diz:

mas penso que se eu não responder esse juiz, qual a contribuição que estarei dando à JUSTIÇA? hehehehehehehe. Falando sério agora, fico entre a solidariedade e a indiferença. Se eu falo, liberto-me um pouco da situação e mostro a ele a juizite que o acomoda (e que me incomoda!!). Se eu não falo, fico chateado e o “incentivo” a continuar se achando o tal, na mesma... Haja DIREITO DE SER GENTE! Haja DIREITOS HUMANOS para todos nós!



Bárbara diz:

só espero q se decidir escrever não prejudique seus outros processos. Receio que ele se esqueça de novo do papel q tem e não seja justo só por ser vc o promotor.

Heitor diz:

huum! Acho que não! O julgamento é sempre muito técnico. Esse juiz pode ser vaidoso, com o rei na barriga e tal, mas não é desonesto. Ele é só H-U-M-A-N-O! Mais humano que as próprias partes que ele julga cheias de “humanidades”. Aliás, penso que quem se sente um Deus de si mesmo age assim. Acha que deve ditar aos outros como devem ser, o que fazer, NÃO FAZER, do tipo: “SOU DEUS REVESTIDO DE TOGA E EM FORMA HUMANA. SIGAM OS MEUS PASSOS E CONFIRMEM O QUE PENSO AO MEU RESPEITO. NÃO ME DESAPONTEM! NÃO RISQUEM AS FOLHAS DO PROCESSO! SÓ EU POSSO FAZER ISSO, MAS SEM PERCEBER QUE O FIZ, É LÓGICO, POIS UM DEUS NUNCA ERRA, MUITO MENOS EM SEU DISCURSO”. hehehehehehehehehe. Dá vontade de pegar o processo, enfiá-lo dentro de uma jaca e depois pendurá-lo na cabeça desse homem e dizer: “taí, toma a sua ‘humanidade’ pra vc!” OLHA A MINHA HUMANIDADE AÍ GEEEEEEEEEEENTE! EU TAMBÉM TENHO ESSE DIREITO! COMO DISSE CHICO XAVIER: EU TAMBÉM SOU HUMANO! Mas me nego a ser um bicho tão impregnado de “gente” quanto esse juiz. Aliás, só quando tô com raiva dele, como agora, é que pareço muito com ele, humaaaaaano que dói...

Bárbara diz:

huhauahuahauhau. Ai ai, chico salvando as pessoas. Acho q se ele ainda tivesse vivo poderia psicografar assim: “sublinhar não é pecado, mesmo em processos”.

Heitor diz:

hehehehehe. Daí eu ia juntar esse troço no inquérito na hora de me defender, igual àquele caso de Goiânia. Mas do jeito que esse cara é, ele dirá: “o Chico sabe nada! Eu que sei! Sou o juiz e pronto! Esse Chico é humano!”. Coitado do Chico...

Bárbara diz:



a justiça corre perigo? corre? CORRE!!! Então vou gritar: "VALHA-ME MEU DEUS, VALHA-ME MINHA NOSSA SENHORA". huhauahuahauhauh

Heitor diz:

kkkkkkkkkkkkkkkk. Como no filme do Chico, naquela hora do avião, né? Então eu também vou gritar: "Valeeeei-me Jesus Cristo, peça pra teu pai Deus (O JUIZ) ter dó do promotor...". hehehehehehehehe. Acho que esta conversa dá um conto, né? Será que dá pra participar de um concurso de contos usando dela? Vou gravar aqui...

Bárbara diz:

só se for um conto bem moderno, ou melhor, pós-moderno. auhaahuahuahua. Parece conto pq tem por eixo uma história. Não acha q seria uma crônica narrativa?

Heitor diz:

mas também explora certas características dos personagens, com uma descrição "essencialmente humana" da nossa personalidade. Já sei, é uma crônica narrativo-descritiva... hehehehehe.

Bárbara diz:

sem contar do aspecto cômico do caso... uhauhaahuahauhaua.

Heitor diz:

crônica humorística? hehehehehe. Uma coisa é certa: crônica ou conto é "HUMANO QUE SÓ", disse eu tenho certeza! Só espero que se me arriscar nisso a comissão julgadora do concurso seja menos humana do que nós, operadores do direito, e não ligue tanto para o estilo ou o português desse nosso "rabisco".

Bárbara diz:

uahauhauhauh. Participa, vai! Quem sabe no que vai dar...

Heitor diz:

será que Deus sabe?

Bárbara diz:

pergunta pra esse seu juiz... uhauahuahauhauhauhauhaua.

Dario Jardim Cruvinel
Pseudônimo: O Gato Mestre
1º lugar na categoria CONTO



A Bola e a Criança

Em tempos de Copa do Mundo, não só a terra gira como uma bola, mas, a própria imaginação, suggestionada subliminarmente pela mídia dominante, conduz-nos no sentido de vermos tudo dialética e politicamente girando, um lindo e colorido carrossel em eterno movimento.

Laureada por tal sentimento, uma menina caminhava alegremente para sua escola, quando deparou-se com um embrulho, um enorme embrulho, envolto por um pano sujo, descosturado e desbotado pelo tempo.

Aquele embrulho assemelhava-se a uma grande bola, o que fez a garota lembrar-se das histórias que seu pai lhe contava sobre futebol com bola de meia, do tempo em que ele era menino.

Imaginou a cena de seu pai, magricela e descalço, jogando futebol com uma bola de pano, envolta por uma meia.

Começou a rir sozinha, daquele quadro mental cômico, pelo menos para ela.

De repente, olhando aquele estranho embrulho e comparando-o a uma bola, viu-o crescer.

A bola de meia de seu inconsciente, que antes era pequena, começou a ficar gigante, do tamanho daquele embrulho.

O embrulho, agora em forma de bola, foi ganhando velocidade, girando em sua direção, até parar ali em sua frente.

Sua mãe ficara alguns metros atrás, conversando com uma vizinha, enquanto ela caminhava sozinha, em mais uma de suas incontáveis demonstrações de como crescera e ficara esperta, a ponto de não carecer de ajuda para ir à escola.

Subitamente, uma vontade incontrolável de chutar aquela grande bola tomou conta daquele pequeno ser. Ela, que era apenas uma garotinha, de quatro anos de idade, sentiu-se uma centroavante da seleção brasileira feminina de futebol.

Seria um chute maravilhoso, pensou a garota.

A bola seria arremessada a metros de distância dali, passaria entre os



postes à sua frente, até se chocar com a fachada do prédio em verde e amarelo, parecendo um arco-íris, logo adiante.

Olhou para trás, observando que sua mãe se mantinha afastada e desatenta às suas ações.

Certificou-se de que ninguém lhe prestava atenção.

Agora seria apenas ela e aquela enorme bola.

Caso errasse o chute ou a bola não tomasse a direção pretendida ninguém poderia zombar de seu fracasso.

Correu para a bola!

Sentiu-se como se estivesse em um estádio cheio de torcedores gritando o seu nome e encorajando-a a chutar a bola. Ela até ouvia os gritos da plateia:

Isabely! Isabely! Isabely!

Chuta! Chuta! Chuta!

Um frio percorreu suas costas, tamanha a responsabilidade que ela assumia. Contudo, estava confiante e segura de sua pretensão.

Já imaginava os torcedores gritando o gol.

Gool! Gool! Gool!

Tirou a mochila das costas, colocou-a sobre a calçada, a fim de que pudesse ficar mais leve.

Apertou o cadarço do tênis. Tudo para que pudesse realizar um chute perfeito.

Novamente, correu para a bola!

Agora seria o seu gol de placa.

Antes de chutar, porém, deu uma paradinha, não pelo fato de lembrar que a FIFA proibiu tal artimanha aos jogadores, mas porque percebeu que aquela bola não estava bem arredondada; como se fosse uma bola murcha. Aliás era uma bola bastante estranha.

Algumas pontas daquele pano pareciam soltas, era preciso amarrá-las a fim de que a bola pudesse deslizar melhor, com mais velocidade.

Certa vez seu pai lhe ensinara a dar nós. Ela se sentia preparada para a tarefa de consertar a bola.



Portando, pensou a garotinha, seria muito fácil preparar a bola e fazer aquele golaço.

Chegou a rir de sua própria astúcia.

Sentiu orgulho de sua genialidade.

Lembrou-se que carregava os mais variados objetos em sua mochila, logo alguma coisa lhe poderia ser útil naquela empreitada.

Era uma garota bastante vaidosa e também muito ativa. Por isso, portava desde maquiagens e petrechos para o cabelo, até os mais variados brinquedos. Naturalmente, algo se encaixaria em seus planos de tornar aquela bola arredondada.

Quem sabe um prendedor de cabelo ajudaria. Ou uma tesoura poderia ser útil para aparar as pontas soltas daquele tecido sujo.

Apanhou os utensílios.

Quando se preparava para o trabalho, percebeu que a bola se mexera.

Como era possível aquela estranha bola se mexer sozinha? pensou a menininha.

Tomou coragem.

Era necessário esclarecer aquela situação. Afinal ela era, segundo o seu próprio conceito, uma garota muito corajosa.

Decidida, resolveu conferir o recheio daquela desajeitada bola.

Quando puxou o pano que envolvia o recheio da bola, ficou estupefata ante o que acabara de descobrir.

Ali estava um bebê!

Um bebê tão pequenino quanto sua boneca de estimação, "Joana".

Ao ser descoberto, o bebê começou a chorar e espernear, dado o desconforto provocado pela claridade e pelo frio.

A menininha chocada indignou-se.

Como poderia alguém abandonar um bebê ao relento?

Ela jamais abandonou sua boneca.

Apesar da pouca idade, a pequenina já aprendera que toda criança deve ter uma família, ser amada, protegida e cuidada com todo carinho.



Noções que ela própria praticava com sua boneca.

Isabely também tinha uma irmãzinha, Isadora, e jamais permitiria que ela ficasse assim, tão desamparada. Isso era inconcebível para aquela juvenil, porém brilhante cabecinha.

De jogadora de futebol, a garota, transformou-se na Mulher Maravilha, disposta a por de castigo a pessoa responsável por aquela atrocidade, tal como costumava fazer sua "tia" da escola, quando alguém fazia algo errado.

Aproximou-se do bebê.

Num gesto instintivo e terno, próprio apenas das meninas, tomou o bebê no colo e começou a niná-lo.

Contudo, o bebê continuou debatendo-se. O choro só aumentava de intensidade.

A jovem caiu em si, percebeu que não dispunha da capacidade para fazer aquele bebê se calar.

Voltou a ser apenas a garotinha em idade pueril, também carente da proteção maternal.

Resolveu pedir ajuda para sua mãe.

Saiu correndo com o bebê no colo.

No afã de chegar até a mãe, a garota não se deu conta dos obstáculos no caminho.

Tropeçou, arremessando "Júlia" contra a parede de seu quarto.

O despertador tocou, era hora de Isabely ir à escola.

Sentada à cama, Isabely respirou profundamente.

Buscou sua boneca, aninhando-a no travesseiro. Ali "Júlia" ficaria incólume, ou como diria seu pai: protegida das injustiças sociais.

Fora apenas um pesadelo, do qual, mesmo dormindo, nem crianças conseguem ficar indiferentes.

Edval Alves de Carvalho

Pseudônimo: Camisa 12

2º lugar na categoria CONTO



Um Amor Acima de Qualquer Preconceito...

Me chamo Gaudêncio, sou um escravo, e como sabem, a vida de escravo é muito difícil.

Minha história começa a uns dez anos, quando fui comprado por um casal de jovens senhores que me tratavam como um filho. Desde muito novo, fui educado e prendado com as mais diversas tarefas domésticas. Os anos se passaram, fui crescendo e comigo a vontade de ser livre. Está certo, eu era livre, mas não tinha a liberdade que tanto queria, eu era livre dentro das terras dos meus senhores.

Foi quando soube que um escravo poderia ganhar ou comprar a sua liberdade. Então conversei com meus senhores e eles concordaram em me presentear com a minha alforria quando completasse dezoito anos; eu fiquei muito feliz, pois tinha uma vida tranquila e a proteção de um rico fazendeiro. Os anos iam passando e eu completei dezesseis anos, só que faltavam dois anos para realizar meu grande sonho. Mas então começaram a surgir os problemas, meus patrões depois de uma longa viagem, contraíram Tísica e por muito tempo, penaram com a doença. Aí faltando um ano para eu completar dezoito anos, ambos faleceram deixando muita tristeza e dor. Foi então que me desesperei, sem saber com quem falar e o que fazer, comecei a ver meu sonho de ser um escravo alforriado se distanciar como nunca.

Poucos dias depois, o irmão do meu senhor, um homem cruel, assumiu os afazeres da fazenda.

A primeira ordem dele foi ao Capataz, um homem sanguinário e mercenário, para selecionar os melhores escravos e levá-los ao mercado para vendê-los e arrecadar um bom dinheiro. Minha reação foi revoltosa, logo eu, que já ia ser um escravo alforriado, iria voltar a ser um escravo definitivamente.

Foi então que comentei: - Ô meu patrãozinho, o vosso irmão deixou tudo certo de me dar a minha alforria quando eu completasse dezoito anos!, o senhor respondeu: - cala a boca, peste!, não perguntei nada e como sabe, quem manda aqui sou eu! E com sentimento de angústia, aceitei a decisão



calado. Minha tristeza ia aumentando a cada dia, pois com certeza jamais iria encontrar patrões como os que eu tinha.

Fui recolhido à senzala, já que meus privilégios acabaram. Contudo, em um certo dia, o capataz passou-me um recado dizendo que o melhor pra mim era aceitar as decisões do novo patrão se não quisesse apanhar. Meu novo patrão me chamou à Casa Grande, fiquei apreensivo e imaginei que poderiam vir notícias boas ou ruins. Quando adentrei à sala principal da fazenda, meu patrão mandou eu sentar no chão e comentou: - O que você, escravo, sabe fazer?, foi aí que respondi: - sei cozinhar, ler e escrever, sou copeiro e sei fazer todo o serviço de arranjo de casa. Meu patrão disse: É só isso! Volte para a senzala. Foi então que meu patrão resolveu colocar um anúncio na coluna do Jornal "A Província", pois ele deduziu que eu poderia valer uma boa quantia.

Ofertas começaram a aparecer de todos os lugares, mas não via com bons olhos alguns pretendentes à minha compra. Foi então que em um certo dia, uma jovem senhora estava à porta da senzala com meu patrão. Então pensei que, para o patrão vir aqui na senzala, essa mulher só poderia ser muito importante. Assim, ela começou a me perguntar sobre as minhas prendas e se tinha como eu provar o que sabia fazer. Respondi que sim, então começamos a conversar melhor. Em uma primeira impressão, ela parecia ser uma senhora muito simpática, também era rica, mas ao mesmo tempo muito triste. Ela me contou que era viúva e que estava interessada em me comprar, pois mesmo tendo muito dinheiro, sentia-se só. Contou também que era mãe de cinco filhos, mas que eles só estavam interessados em dinheiro, e não tinham carinho nem apego à ela. Comecei a me interessar pela conversa, e gostei da ideia de fazer companhia para ela, pois, na situação que eu estava, o que viesse era lucro.

Então, logo após a compra, me mudei para um quartinho na casa da senhora viúva. Meus dias começaram a ficar alegres e o que parecia improvável aconteceu, encontrei uma nova dona, tão boa quanto a minha falecida patroa.

Todas as tardes tomávamos chá juntos, conversávamos o tempo todo,



mas havia outro empecilho para a minha tão sonhada liberdade, os filhos da senhora viúva, que me odiavam e detestaram a ideia de me ver na companhia da mãe deles. A cada dia que se passava, mais pena eu sentia daquela pobre mulher que era constantemente maltratada pelos filhos. Fiquei sempre ao lado dela, mesmo nos dias mais difíceis, o que fez nascer em mim um sentimento que não sabia se era compaixão ou amor, mas que tinha que sufocá-lo dentro de mim.

Com isso, todas as noites eu a visitava e ficava à porta do quarto dela só observando como ela dormia. Não tinha coragem de falar o que eu realmente sentia, pois tinha medo de estar confundindo as coisas e ser repreendido ou até mesmo castigado.

A companhia dela me fazia bem, trazia alegria e uma grande emoção ao meu coração. Após algum tempo, também percebi que a minha presença causava a ela o mesmo sentimento que eu sentia e em certas vezes notei que também era visitado em meu quarto. Certo dia, chegou a notícia de que todos os seus filhos embarcariam rumo à Europa e não tinham prazo para voltar. Ela chorou muito, mas novamente lá estava eu para confortar seu coração e isso nos aproximou ainda mais.

Certa noite, chovia e trovejava muito, eu estava terminando meus afazeres domésticos, quando escutei um grito vindo da sala, quando cheguei lá encontrei a janela estilhaçada no chão, do outro lado vi minha patroa com muito medo e pavor, então perguntei: - o que aconteceu?, ela me respondeu: - foi só um susto!; peguei-a nos braços e a levei para os aposentos, chegando lá, coloquei-a na cama, e quando ia embora, ela insistiu para que não fosse embora, então sentei ao seu lado na cama, e num simples gesto, ela me roubou um beijo. Meu coração disparou, não resisti e também a beijei, logo após me declarei.

Depois de uma noite intensa e trocas de carícias, consumamos o nosso amor.

Estamos juntos a dois anos. Hoje sou um ex-escravo casado e muito feliz, realmente encontrei um amor que mudou minha vida e está acima de qualquer preconceito.



Estou vivendo uma história que não tem limites em relação ao amor, e quando parecia que não havia mais esperança para mim, ela surgiu e fez brotar em meu coração um sentimento que vou carregar para todo o sempre, além da vida e da morte, um amor verdadeiro, o qual me fez enxergar que a solidariedade e a compaixão para com o ser humano está além da cor da pele e da condição social, e acima de tudo, o respeito aos direitos humanos, pois é possível sim, ter uma vida digna e valorizada moralmente.

Francisco Alessandro Silva Santos
Pseudônimo: Miguel Arcanjo
3º Colocado na categoria CONTO

